

Investigação científica na terapia ocupacional: visões e perspectivas dos discentes no contexto brasileiro

Scientific Investigation In Occupational Therapy: Visions And Perspectives Of Students In Brazilian Context

Daniel M. Cezar Cruz

Terapeuta ocupacional, mestrando em educação especial pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos.

RESUMO

Esta pesquisa objetivou relatar e analisar por meio de questionários, as visões e perspectivas dos estudantes de terapia ocupacional sobre a importância da pesquisa científica na formação do terapeuta ocupacional nos cursos de graduação brasileiros. Participaram 261 estudantes de 20 escolas de terapia ocupacional. Mediante análise quanti-qualitativa dos dados, verificou-se que os resultados demonstraram as principais visões de pesquisa como sendo: estratégia na produção de conhecimento 46% (121), de maior reconhecimento no meio científico 25% (65), de ampliação das áreas de atuação 23% (60) e de maior reconhecimento pela população 21% (55). Com relação às sugestões e perspectivas, identificaram-se concepções pertinentes, tais como, aumento de órgãos financiadores para a realização de pesquisas, com 31% (81), maior divulgação da profissão, com 28% (73), necessidade de inserção do discente na pesquisa com docentes, com 25% (65) e de aumento dos incentivos institucionais, com 17% (44). Os dados ilustraram a pesquisa como um princípio científico e educativo. Os resultados obtidos denotaram visões e perspectivas significativas para a melhora da produção científica e conseqüentemente na formação do profissional.

Palavras-chave: terapia ocupacional, pesquisa, formação acadêmica.

ABSTRACT

This research objective was to relate and analyze through questionnaire, the visions and perspectives of students of occupational therapy about the importance of scientific research for occupational therapist formation. Participated 261 students of 20 schools of occupational therapy. Against quantitative and qualitative analyze of data, it was verified that the results showed the visions of research mainly as strategy on knowledge

production 46% (121), increase of practice actuation 23% (60), more recognized by science 25% (65) and population too with 21% (55). in relation about suggestions and perspectives, pertinent conceptions were identified as amplification of institutional incentives 17% (44) and more studentship to develop research 31% (81), necessity of student participation in teacher's research 25% (65), and more professional divulgation 28% (73). the data illustrated the research as an educative and scientific principle. the results illustrated significant visions and perspectives to contribute on development of scientific production and concomitant the professional formation.

Key words: occupational therapy, research, academic formation.

INTRODUÇÃO

A investigação científica na graduação tem sido tema de importantes estudos, sobretudo na área da educação. As contribuições são abrangentes e alcançam desde a aprendizagem do estudante até o exercício e construção de uma cidadania plena, de cidadãos participativos socialmente. A pesquisa é uma possibilidade de criação em detrimento da cópia, capacidade real de aprendizagem (DEMO, 1999)⁶. Significa em outras palavras o caminho de formação do futuro cientista (RUIZ, 1996)¹⁸.

Assim, constata-se que a pesquisa científica pode representar, dentre muitos benefícios, uma possibilidade de emancipação, isto é, da capacidade criativa e crítica, do crescimento e autonomia do estudante universitário.

Na terapia ocupacional, é pouco freqüente a pesquisa científica. No entanto, esta atividade começa a desenvolver-se nas universidades como um processo gradual, que vai do ensinar ao produzir conhecimento (EMMEL e LANCMAN, 1998)⁸.

Sendo a terapia ocupacional um saber da área da saúde, que percorre uma trajetória de quase meio século no Brasil, é compreensível que assuntos como a investigação científica, nos cursos de graduação brasileiros, sejam inéditos ou, ao menos, escassos, pois a profissão é relativamente nova, se comparada às demais áreas do saber, como a Filosofia, a Medicina e o Direito, por exemplo.

São válidos e pertinentes estudos que abarquem esta linha de pesquisa. A formação do profissional deve ser sempre pauta para discussões, visto que sua importância está na maior compreensão do profissional que é formado, da identidade e do papel que representa na sociedade e no mercado de trabalho.

Tal mercado, apresenta-se cada vez mais exigente por inovações e habilidades para identificar e solucionar problemas (PFEIFER, 2000)¹⁷.

A discussão pela ótica acadêmica é imprescindível no entendimento de dificuldades relacionadas à produção científica na graduação e que, repercutem, projetando-se no futuro profissional: clínico, docente e pesquisador terapeuta ocupacional (CRUZ e PFEIFER, 2004)⁴.

Ouvir o discurso discente é imprescindível. Permitir a participação deste nas discussões acerca da sua formação e profissionalização, favorece possíveis transformações na formação do profissional.

DEMO (1999)⁶ expressa esta visão:

“Seria o erro oposto alijar o estudante da participação da definição curricular, pelo menos no sentido de expressar sobre expectativas de formação e profissionalização, de avaliar o desempenho dos professores e da instituição, de apresentar crítica a partir do seu ponto de vista, objetivando adequações necessárias no tempo” (p. 70).

Estes fundamentos foram os norteadores que motivaram a abordagem deste assunto na área de graduação em terapia ocupacional.

Diante deste contexto, levantou-se a seguinte questão de pesquisa: quais as visões e perspectivas dos discentes de terapia ocupacional com relação à investigação científica nos cursos de graduação brasileiros?

Para satisfazer este questionamento, traçaram-se os objetivos de: identificar a visão dos discentes acerca da importância da investigação científica nos cursos de terapia ocupacional do Brasil; traçar um perfil destes estudantes, baseado nas atividades desempenhadas pelos mesmos dentro e fora de seu curso de graduação e determinar as perspectivas e sugestões destes para o maior desenvolvimento de pesquisas no Brasil.

Faz-se, portanto, indispensável ao profissional terapeuta ocupacional discutir assuntos desse caráter, pois só então a profissão poderá caminhar rumo a um desenvolvimento maior.

O MÉTODO DA PESQUISA

A metodologia adotada foi disposta nos itens abaixo, para melhor compreensão:

Local

A pesquisa desenvolveu-se através dos seguintes meios de comunicação:

- a) **Telefone:** para contato pré-estabelecido com os estudantes;
- b) **Agência de correios:** necessária para envio e recebimento do instrumento;
- c) **Rede Mundial de Computadores (Internet):** para efetivação de contato via correio virtual (e-mail) com os estudantes; obtenção de informações acerca dos periódicos existentes nas áreas afins e específicas de terapia ocupacional, como também para busca de artigos e outros estudos que contemplassem a revisão de literatura desta pesquisa.

Os contatos foram feitos com estudantes das Instituições de Ensino Superior de terapia ocupacional, públicas e particulares, localizadas em dezesseis (16) Estados da Federação Brasileira, que correspondem aos locais em que são encontrados cursos de graduação em terapia ocupacional no país. Para conhecimento, dispôs-se estes em ordem alfabética, a saber: Alagoas (AL), Bahia (BA), Ceará (CE), Espírito Santo (ES), Goiás (GO), Maranhão (MA), Mato Grosso (MT), Minas Gerais (MG), Pará (PA), Paraná (PR), Pernambuco (PE), Rio de Janeiro (RJ), Rio Grande do Norte (RN), Rio Grande do Sul (RS), Santa Catarina (SC) e São Paulo (SP).

Procedimento para seleção da amostragem

A seleção da amostra deste estudo foi intencional ou de seleção racional, como sugere BARROS e LEHFELD (2002)², ou seja, o procedimento para a escolha dos participantes foi estabelecido pelo coordenador da pesquisa. Neste tipo de procedimento, o pesquisador dirige-se intencionalmente a grupos que deseja saber opinião. Os resultados a serem obtidos correspondem somente ao grupo composto pela amostra.

Definir o universo estudado em número exato seria uma tarefa inviável em função de múltiplos eventos que fazem parte da rotina universitária, como: desistência do curso, trancamento de matrícula, repetência de semestre/ ano, ou até o não preenchimento de todas as vagas ofertadas pelos cursos, são fatos que alterariam o número real de estudantes cursando terapia ocupacional no Brasil.

Para estipular o número deste universo, multiplicou-se o número de vagas ofertadas por cada curso, pela duração do mesmo (de acordo com os dados do INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), podendo-se então, inferir que são, em tese, cerca de 7.520 o total de estudantes de terapia ocupacional nas 32 Instituições de Ensino Superior brasileiras.

Estimando-se que cada curso tivesse em média 150 alunos em sua totalidade, calculou-se para amostra 10% desta população, ficando 15 questionários para cada instituição. Adotando-se por critério que somente estudantes matriculados e frequentando o curso poderiam preencher o questionário.

É válido reafirmar que a preocupação com a amostragem descrita foi preconizada em função dos objetivos a que se propôs o estudo, já que, como afirma RUIZ (1996)¹⁸, a amostragem de uma pesquisa é fundamental na sua validação, devendo ser representativa o suficiente, a fim de embasar as conclusões propostas.

As Instituições de Ensino Superior de terapia ocupacional consultadas foram as trinta e duas (32), cadastradas na internet, no *site* do Ministério da Educação (BRASIL, 2002)³, pelo INEP, acessado no período de outubro de 2002.

Amostra

É importante esclarecer que algumas dificuldades tornaram inviável a participação efetiva de todas as instituições nesta pesquisa.

Dentre os motivos relatados pelos assistentes de pesquisa (que auxiliaram na coleta de dados), os mais frequentes foram: a instituição encontrava-se em recesso durante o período de 30 dias estabelecido para a coleta de dados; perda de questionário devido alguns participantes levarem o mesmo para responder em casa; outras dificuldades no contato com os estudantes em função da diferença de horários entre os assistentes e os sujeitos da pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa foram 261 estudantes, oriundos de 20 Instituições de Ensino Superior públicas e privadas. No Quadro 1 a seguir, são identificadas as instituições participantes, a região na qual se encontram e o número de questionários devolvidos por cada uma.

QUADRO 1: Número de questionários devolvidos por instituição

Região	Instituições	N.º de Quest. devolvidos
NORTE	1) Universidade do Estado do Pará (UEPA)	15
NORDESTE	2) Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP)	15
	3) Universidade de Fortaleza (UNIFOR)	14
	4) Faculdade Santa Teresinha (CEST)	15
	5) Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	15
	6) Universidade Potiguar (UNP)	15
CENTRO-OESTE	7) Universidade Católica de Goiás (UCG)	15
SUL	8) Universidade Federal do Paraná (UFPR)	09
	9) Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)	14
	10) Faculdade de Ciências da Saúde (IPA)	07
	11) Associação Catarinense de Ensino (ACE)	11
SUDESTE	12) Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	15
	13) Escola Superior de Ensino Helena Antipoff (ESEHA)	14
	14) Universidade Castelo Branco (UCB)	15
	15) Universidade de São Paulo (USP)	15
	16) Universidade de São Paulo – USP-Ribeirão Preto	15
	17) Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)	14
	18) Faculdades Integradas São Camilo (FISC)	15
	19) Universidade Sagrado Coração (USC)	05
	20) Faculdade de Ciências da Saúde de Vitória (FAESA)	08
TOTAL		261

Fonte: Pesquisa de campo (2003)

Verifica-se que o estudo alcançou mais da metade 62% (20) do total de instituições existentes 100% (32). Embora 38% (12) de instituições não tenham participado, a pesquisa alcançou as principais e mais tradicionais instituições que ofertam o curso de terapia ocupacional no Brasil, sendo todas as regiões do país representadas.

O instrumento da coleta de dados

O instrumento utilizado foi um questionário, adaptado de um estudo realizado anteriormente por CRUZ e PFEIFER (2004)⁴, contendo sucinto esclarecimento dos objetivos do estudo, solicitação para preenchimento, dados de identificação e cinco (5) questões, sendo duas (2) abertas ou subjetivas, e três (3) fechadas ou de múltipla escolha.

As questões abordavam os seguintes tópicos:

- A opinião do participante acerca da importância da pesquisa científica para o curso de terapia ocupacional;
- Atividades realizadas pelos participantes do estudo, dentro e fora de sua instituição;
- Sugestões para aprimorar e desenvolver pesquisas no campo da terapia ocupacional no Brasil;

- A opinião do participante sobre a pesquisa como habilidade essencial ou não, na prática do terapeuta ocupacional.

Como estratégia para estimular o participante a devolver o questionário devidamente preenchido, optou-se por coletar os dados mediante a elaboração de apenas cinco questões. Este detalhe é pertinente, pois, segundo BARROS e LEHFELD (2002)², ao se elaborar um questionário, deve-se considerar seu tamanho, conteúdo e objetividade das questões, a fim de estimular o participante a respondê-lo.

Procedimento para coletar os dados

Primeiramente, realizou-se uma investigação para estabelecer contato com um estudante de terapia ocupacional em cada instituição existente. Por meio da internet, e do correio eletrônico (e-mail), consultou-se as listas de grupos do Site Brasileiro de Terapia Ocupacional- SBTO <sbto@egroups.com> e da Etel's <terapia_ocupacional@grupos.com.br>.

Com o contato estabelecido, solicitou-se via telefone, a colaboração destes estudantes, explicando-se os objetivos do estudo e a importância da devolução de todos os questionários. Estes estudantes constituíram-se em assistentes de pesquisa, isto é, definindo-se um acadêmico responsável por cada Instituição de Ensino Superior. Os assistentes receberam orientações sobre os procedimentos e critérios para preenchimento e devolução dos questionários, ficando a cargo destes a distribuição e recolhimento do instrumento no tempo hábil de 30 dias para retorno, contados a partir da data de recebimento.

Para tanto, visando à devolução dos questionários sem despesas por parte dos assistentes de pesquisa, remeteu-se juntamente com os instrumentos, mediante o serviço das Agências de Correios, um (1) envelope, três (3) selos para a devolução e uma carta explicativa.

As instituições nas quais não foi possível estabelecer contato com um estudante foram notificadas, por meio de carta, informando sobre a realização do estudo e a solicitação de retorno com um nome, e-mail e/ ou número de telefone para contato com um representante discente. Pode-se afirmar que as trinta e duas instituições foram contatadas, entretanto, obteve-se resposta de apenas 20 destas.

Procedimento para análise de dados

Os dados receberam análise quanti-qualitativa. Para a análise quantitativa das questões, efetuou-se primeiramente, um levantamento das respostas dos discentes, analisou-se concordâncias e divergências e posteriormente agrupou-se as respostas mais frequentes em uma ficha de mensuração de dados, elaborada com base nas questões propostas.

Em seguida, dispôs-se a frequência das respostas através de computação na planilha de dados do programa *Microsoft Excel 2000*, a fim de obter-se uma análise com base estatística. Os resultados foram dispostos em quadros, gráficos e tabelas para melhor mensuração do estudo. Em função das múltiplas respostas dos discentes para uma mesma pergunta (subjativa), não foi possível totalizar 100% na frequência destas.

Para a análise qualitativa das respostas, numerou-se os questionários por ordem de devolução, objetivando preservar o anonimato dos participantes, em função de utilizar-se de transcrições literais das opiniões relatadas. Estas transcrições foram identificadas apenas pelo número do questionário em algarismos arábicos, seguido da universidade de origem do participante.

Finalmente, todas as questões foram analisadas comparativamente com o referencial teórico pesquisado, fundamentando, assim, as discussões e conclusões obtidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta pesquisa, a participação estudantil foi considerada sobremaneira nas discussões sobre suas visões e perspectivas com relação à investigação científica. Desta forma, preconizou-se em conhecer, primeiramente, essa população de sujeitos, destacando-se a prevalência quanto à instituição de origem, a porcentagem quanto ao sexo, o ano de curso no qual se encontram, algumas atividades curriculares e algumas extracurriculares desempenhadas pelos mesmos.

Conhecendo os sujeitos da pesquisa

Os estudantes participantes, em sua maioria, originam-se de instituições privadas, conforme o Gráfico 1:

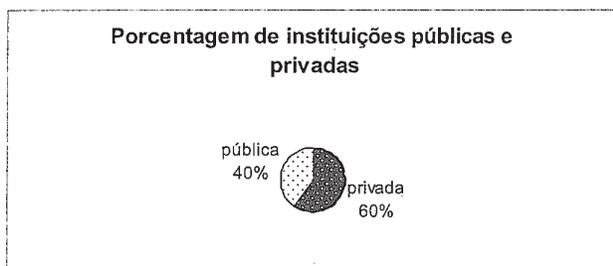


GRÁFICO 1: Perfil das instituições participantes

Fonte: Pesquisa de campo (2003)

Verifica-se que 60% (12) das instituições são particulares, já as públicas representam 40% (8) do total de instituições. O predomínio das instituições privadas nesta pesquisa pode ser justificado por serem poucas as universidades públicas que possuem o curso de terapia ocupacional no Brasil.

Segundo o Ministério da Educação, são apenas oito (8) as universidades públicas que oferecem o curso de terapia ocupacional no país (BRASIL, 2002)³.

É pertinente analisar-se que o número expressivo de instituições privadas sugere uma tendência sustentada por GAMBOA (2000)¹⁰, isto é, a do crescimento das Instituições de Ensino Superior particulares para atender uma política de escolaridade emergencial, que objetiva aumentar o índice de escolarização no país.

Esta idéia fica mais evidente ao se refletir quanto às instituições públicas, pois observa-se que não houve criação de novos cursos públicos de terapia ocupacional desde a década de 80. Com exceção da USP, em Ribeirão Preto-SP, da UFPR, em Curitiba-PR, e da ECMA- Escola de Ciências Médicas de Alagoas, em Maceió-AL, todos os cursos cadastrados pelo Ministério da Educação até 2002, já existiam ou foram abertos naquela década.

Logo, retoma-se a afirmação de SOARES (1991)¹⁹, pois se observa que a situação atual das instituições públicas não difere da dissertada pela autora há pouco mais de uma década atrás. Em meados dos anos 80, as universidades públicas eram uma minoria, sujeitas constantemente ao corte de verbas e ameaças de fechamento, talvez a história venha evidenciando que estas condições ainda permanecem na primeira década do atual século XXI.

No entanto, cogita-se que esta realidade possa mudar, caso a proposição confirmada no VIII Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional, realizado em Foz do Iguaçu em 2003, seja executada, isto é, a proposta de implantação do curso de terapia ocupacional em todas as universidades públicas do país (O COFFITO, 2003)¹⁶.

Com efeito, não só a expansão da profissão poderia ser efetivada, mas a produção científica também tenderia a aumentar consideravelmente, posto que as universidades públicas trazem consigo a atividade de pesquisa.

Outro dado histórico contemplado nesta pesquisa refere-se ao sexo dos participantes, que na terapia ocupacional, desde sua constituição enquanto profissão, é predominantemente do sexo feminino. No Gráfico 2 abaixo, percebe-se que esta realidade foi confirmada.

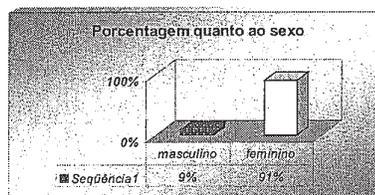


GRÁFICO 2: Perfil dos sujeitos participantes
Fonte: Pesquisa de campo (2003)

Verificou-se que os participantes do sexo masculino somam apenas 9% (24) do total, ficando o sexo feminino com a maioria de 91% (237). Isto sinaliza que a presença masculina na profissão de terapeuta ocupacional ainda é pequena.

A predominância do sexo feminino na terapia ocupacional é uma questão abordada por alguns autores. Sobre este aspecto, LOPES (1993/1996)¹³ esclarece com propriedade que a formação de terapeutas ocupacionais no Brasil, assim como em países europeus e norte americanos, foi fortemente influenciada por um sistema hegemônico capitalista, que permitiu o surgimento de profissões com a participação feminina, dentre outros motivos pelo fácil controle nas relações de trabalho e mão de obra barata. Outras concepções diferenciadas para a maioria feminina seriam em razão da emancipação da mulher no mercado de trabalho (FERRIGNO *apud* DE VITTA, 1998)⁵. Porém, esta questão pode perpassar e ser reflexo de uma sociedade de classes e ideologia machista, que direcionou perfis de acordo com o sexo, para ocupação de determinadas profissões (GALHEIGO *apud* DE VITTA, 1998)⁵. Todavia, o momento histórico atual é marcado por profundas transformações: de valores, de concepções, de ideais e de participação social. É esperado que, no futuro, a população masculina tenda a assumir, com maior representação, profissões como a terapia ocupacional, tanto pela quebra de tabus e de preconceitos de que esta é uma profissão para mulheres, quanto pela mudança na visão de mundo, que vem se desenvolvendo contemporaneamente.

Os cursos de terapia ocupacional no Brasil têm em média a duração de quatro a cinco anos. Com relação ao período do processo de graduação dos estudantes participantes, identificou-se que há um predomínio significativo no segundo (2º), terceiro (3º) e quarto (4º) ano, com 22% (56), 33% (85) e 34% (90), respectivamente, vide Tabela 1:

TABELA 1: Período de graduação dos participantes da pesquisa

PERÍODO DA GRADUAÇÃO	FREQÜÊNCIA ABSOLUTA	FREQÜÊNCIA RELATIVA (%)
1º ano de terapia ocupacional	11	4
2º ano de terapia ocupacional	56	22
3º ano de terapia ocupacional	85	33
4º ano de terapia ocupacional	90	34
5º ano de terapia ocupacional	19	7
TOTAL	261	100

Fonte: Pesquisa de Campo (2003)

No primeiro (1º) e quinto anos (5º), a participação foi reduzida, com 4% (11) e 7% (19), respectivamente. Os alunos do primeiro ano ainda estão no processo de reconhecimento do curso e por isso, muitas vezes sentem-se pouco familiarizados com o processo de ensino aprendizagem. Destaca-se que, no último ano, a escassez em parte se atribui, por serem poucos os cursos de terapia ocupacional com cinco anos de duração.

Considerou-se a participação em algumas atividades relacionadas ao espaço acadêmico e extra-acadêmico, objetivando traçar um perfil dos estudantes participantes, dispostas na Tabela 2 a seguir:

TABELA 2: Atividades desempenhadas pelos participantes da pesquisada pesquisa

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	FREQÜÊNCIA ABSOLUTA	FREQÜÊNCIA RELATIVA (%)
Estágio extracurricular	152	58
Cursos de aperfeiçoamento	144	55
Projeto de extensão	89	34
Congressos de Terapia Ocupacional e afins	56	21
Centro ou Diretório Acadêmico	50	19
Programa de Iniciação Científica	43	16
Elaboração de artigos científicos	41	16
Monitoria de disciplinas	36	14
Sem resposta	20	8

Fonte: Pesquisa de Campo (2003)

Com base nestes dados, nota-se que há uma prevalência quanto às atividades de estágio extra-curricular com 58% (152) e cursos de aperfeiçoamento, com 55% (144), que geralmente ocorrem fora do espaço acadêmico.

Também se pode analisar que há uma procura muito grande por qualificação e experiência profissional, o que de fato, direciona-se a uma necessidade de aprimorar conhecimentos e experiências, e de certa forma, converge às exigências do mercado de trabalho, cada vez mais com-

petitivo, contemplando ao que PFEIFER (2000)¹⁷, aponta como algumas exigências deste mercado: as habilidades práticas para a resolução de problemas e atualização de conhecimentos técnicos.

Atividades com igual relevância são as de extensão, com 34% (89) das respostas e de monitoria, com apenas 14% (36). Deve-se estimular estas atividades, já que de acordo com RUIZ (1996)¹⁸, o caminho percorrido pelos cientistas se inicia desta forma, com atividades didático-pedagógicas e pelo treino de habilidades investigativas, que se dão de acordo com as experiências obtidas durante a vida acadêmica.

Este treino de habilidades investigativas engloba o planejamento e a aplicabilidade da pesquisa, estendendo-se à interpretação dos resultados e posterior comunicação científica.

Alguns indicadores destas habilidades podem ser destacados, dentre os mais significativos: a habilidade de identificar e determinar o problema; de aplicar instrumentos de pesquisa; de processar dados; de interpretar resultados; de elaborar conclusões e de expor o trabalho para sua apreciação (NAJJAR, 2000)¹⁵.

Outras atividades desempenhadas pelos estudantes contribuem na iniciação para a pesquisa, devendo também ser estimuladas. É válido enfatizar que 21% (56) participaram de algum evento científico de terapia ocupacional e/ ou de áreas relacionadas, apresentado um estudo ou relato de experiência, o que indica que estes já começam a aprender a manejar dados e informações, a estruturar um trabalho científico e a ter noções de como apresentá-lo. Neste sentido, dá-se um passo importante na socialização do conhecimento produzido, que deve ser disponibilizado para apreciação de uma comunidade científica.

Um dado também significativo, e com igual porcentagem, está na participação da vida acadêmica, por meio do Centro ou do Diretório Acadêmico de Terapia

Ocupacional (CATO/ DATO), com cerca de 19% (50). No CATO/ DATO, os estudantes também aprendem e exercitam a habilidade de identificar e propor soluções, neste caso, para problemas estudantis, e de certa forma, na melhoria de sua própria formação, o que é uma experiência para a constituição de um profissional crítico, político e participativo nas questões pertinentes à profissão.

A baixa porcentagem de estudantes fazendo Programas de Iniciação Científica, correspondendo a apenas 16% (43) do total de estudantes ilustra que a pesquisa científica ainda é uma atividade pouco realizada pelos estudantes, pois como dissertam BARROS e LEHFELD (2002)² são cerca de 20% a 30% os estudantes que se encontram em Programas de Iniciação Científica no Brasil. Em consequência, a produção científica tende a diminuir, como por exemplo, na elaboração de artigos científicos, realizados por apenas 16% (41) dos estudantes.

Pode-se determinar com os dados apresentados, um perfil, de que os estudantes participantes desta pesquisa, são compromissados com sua formação, procurando acrescentar conhecimento por meio de diferentes atividades, sejam dentro da universidade ou fora desta. Contudo, convém ressaltar que há um baixo envolvimento nas atividades de pesquisa, o que sugere que há pouca oferta e possibilidade de ingresso destes em programas específicos de iniciação para a pesquisa científica.

Para DEMO (1999)⁶, esta realidade é explicada, pelo fato de que, nas universidades há uma tríade, que é bastante conhecida pelos estudantes (ensino, pesquisa e extensão), mas que deveria ser revista em função de um conceito mais adequado de pesquisa abarcar os outros dois.

Segundo o autor, isto se deve à extensão e ensino fazer parte da pesquisa e não estarem fragmentados a ela, como se tem feito nas universidades. A pesquisa não só é capaz de unir esses segmentos como redirecionar os rumos da universidade para a modernidade (DEMO, 1999)⁶.

A Visão dos Estudantes

A visão dos estudantes no que concerne à pesquisa científica foi coletada valorizando-se seus discursos, que trouxeram consigo um pouco da subjetividade presente na linguagem de cada um.

Quando questionados sobre a importância da pesquisa científica para o curso de terapia ocupacional, foi constatado que as respostas demonstraram não só a importância da pesquisa na terapia ocupacional, enquanto curso de formação, mas com maior ênfase para a própria profissão.

As questões da profissão foram bastante relatadas, principalmente sobre a identidade do profissional. Os dados mais significativos apontaram para a necessidade de maior desenvolvimento da profissão, por meio da produção de conhecimento, com 46% (121), de maior reconhecimento da profissão no meio científico, com 25% (65), e de ampliação das áreas de atuação, com 23% (60), conforme se observa na Tabela 3 abaixo:

TABELA 3: Visão dos estudantes sobre a importância da pesquisa científica

RESPOSTAS	FREQUÊNCIA ABSOLUTA	FREQUÊNCIA RELATIVA (%)
Produção de conhecimento	121	46
Maior reconhecimento no meio científico	65	25
Ampliação das áreas de atuação	60	23
Melhor fundamentação da relação teoria x prática	58	22
Maior reconhecimento da profissão pela população	55	21

Fonte: Pesquisa de Campo (2003)

A questão da produção de conhecimento na terapia ocupacional, presente na maioria das opiniões, com 46% (121), tem crescido significativamente nas últimas décadas, principalmente através da capacitação formal de docentes em programas de pós-graduação como mestrado e doutorado.

A procura para ingresso nestes programas se deu tanto pela necessidade de formação para pesquisa quanto por exigência de docentes mais qualificados no ensino supe-

rior (LANCMAN, 1998)¹². O maior reconhecimento científico da profissão com 25% (65), e pela população, com 21% (55), demonstra que os estudantes concebem a profissão como nova e em processo de construção, como dissertou DE VITTA (1998)⁵ acerca do terapeuta ocupacional na área de pediatria.

Nesta trajetória de construção, deduz-se, ser a pesquisa, um meio de expansão também do mercado de trabalho, pois 23% (60) dos discentes concebem a investigação científica como importante na ampliação das áreas de atuação, constituindo-se numa visão de crescimento da profissão.

Sobre a ampliação das áreas de atuação, DRUMMOND (2000)⁷, destaca uma questão importante ao analisar que a pouca produção teórica, dificulta a definição do campo profissional:

“A legitimidade da terapia ocupacional encontra-se comumente em cheque no campo profissional talvez da dificuldade de delimitar sua própria competência, tornando mais difícil a configuração e firmeza do campo e apresentando assim, pouca visibilidade da atuação do terapeuta ocupacional e um pequeno grau das respostas socialmente dadas. Acresce-se a isso, o fato de que a falta de produção teórica na área alimenta a indefinição do campo profissional” (p. 3).

A análise demonstra que é preciso cada vez mais assegurar a pesquisa científica na terapia ocupacional, pois a investigação amplia a produção teórica específica da área, permitindo a melhor definição do campo de atuação, o desenvolvimento da identidade profissional, e culminando na ocupação de novos espaços no mercado de trabalho.

A prática de pesquisa foi revalidada enquanto elemento fundamental na articulação da relação teoria x prática por 22% (58), indicando que os discentes a concebem não somente como um princípio científico, mas educativo, promotor de aprendizagem, que para DEMO (1999)⁶, representa a capacidade real de aprender a aprender, isto

é, de despertar para o senso crítico, de inovar e criar. Os discursos destacados em seguida, reforçam esta afirmação:

- “É a oportunidade de exercitar nosso potencial criador” (Quest. 06, UEPa).
- “Estimula a capacidade de raciocínio” (Quest. 22, UNP).
- “Abre novos horizontes” (Quest. 183, UNIFOR).
- “Amplia o questionamento sobre as coisas, tornando o pensamento crítico” (Quest. 157, UFSCar).

A reflexão sobre a importância da pesquisa determinou uma necessidade de se debater as questões da identidade profissional, de valorização e reconhecimento da categoria, de definição de sua especificidade e legitimidade científicas. Nas falas dos estudantes, estas questões foram explicitadas:

- “Mais reconhecimento, não confundindo a terapia ocupacional com outras profissões” (Quest. 109, ESEHA).
- “Fundamentar a ação da terapia ocupacional como ciência” (Quest. 222, UFPE).
- “... estar tornando a terapia ocupacional mais creditada enquanto ciência” (Quest. 94, UCB).
- “Contribuir para a definição de nosso objeto de estudo” (Quest. 120, UFMG).
- “Um discurso único, construído coletivamente, é de grande importância para que alcancemos maior reconhecimento profissional” (Quest. 131, USP).

As preocupações estudantis em relação à cientificidade e objeto de estudo, são fatos discutidos por STEIN (2001)²⁰, como o grande desafio aos terapeutas ocupacionais. Segundo refere o autor, um dos embates deste século é fazer entender o significado da ocupação como conceito e sentido.

Como toda ciência cobre ou abrange um campo de interesse do saber, isto é, um objeto de estudo, é aceitável que ele seja questionado, tendo como consequência melhor compreensão de sua natureza.

Esta questão está, em parte, relacionada à identidade do profissional. A pesquisa científica é um dos elementos que constituem a identidade do profissional, fazendo parte do “cinturão teórico” que fundamenta a prática profissional (HAGEDORN, 1999)¹¹.

Assim, se esta atividade não for estimulada na formação do profissional, a tendência é que a profissão tenha seu desenvolvimento comprometido pela carência de profissionais que se destinem a investigar e socializar seus resultados e reflexões.

Sob outra perspectiva, DEMO (1999)⁶ enfatiza a pesquisa como promoção da cidadania. Este conceito tem valor nas ações as quais se destina a investigação. A pesquisa como promotora de cidadania, mediando as ações na comunidade foi descrita em algumas das falas, destacadas a seguir:

- “Legitimidade profissional e responsabilidade para a comunidade” (Quest. 119, UFMG).
- “Saber de que forma trabalhar as necessidades da sociedade” (Quest. 81, UCG).

Logo, nota-se que os resultados convergem para demonstrar que, na terapia ocupacional, a iniciação científica é comprovadamente uma estratégia de aprendizagem que contribui para ampliação de saberes, influenciando positivamente na formação profissional (BALLARIN e TOLDRÁ, 2001)¹.

As perspectivas e sugestões dos estudantes

As perspectivas e sugestões para o melhor desenvolvimento de pesquisas no Brasil denotam, de certa forma, a situação de cada instituição de ensino, refletindo dificul-

dades que devem ser trabalhadas particularmente em cada instituição. Entretanto, algumas problemáticas suscitaram propostas que podem ser tomadas enquanto reflexões para todas as instituições que oferecem o curso de terapia ocupacional no país.

As sugestões e perspectivas relatadas também ampliam horizontes para os profissionais, indicando que muitas ações podem ser desenvolvidas para melhorar a produção científica, não somente nos cursos de graduação, com discentes e docentes, mas num universo maior, no qual os profissionais já atuantes podem participar contribuindo para a atividade de pesquisa na terapia ocupacional. Na Tabela 4, a seguir, determina-se que a maioria menciona o aspecto do crescimento, ou melhor, desenvolvimento de pesquisas no país, relacionado com a questão do financiamento, presente em 31% (81) das respostas. Em seguida, vêm as questões de divulgação da profissão, com 28% (73), evidenciando a urgência do aumento de eventos científicos, publicações e mídia e 25% (65), que propõem o incentivo docente na realização de pesquisas com discentes.

TABELA 4: Perspectivas e sugestões dos estudantes participantes com relação à pesquisa científica

RESPOSTAS	FREQÜÊNCIA ABSOLUTA	FREQÜÊNCIA RELATIVA (%)
Aumentos de bolsas de pesquisa/ financiamentos	81	31
Maior divulgação da profissão com eventos científicos, publicações e mídia	73	28
Incentivo docente na realização de pesquisas com os discentes	65	25
Aumentar o interesse institucional na iniciação científica do discente	44	17
Disciplinas curriculares que preparem o discente para pesquisa	29	11
Capacitação docente	27	10
Outros	17	6
Formação de grupos de pesquisa	07	3

Fonte: Pesquisa de Campo (2003)

O aumento de bolsas de pesquisa e financiamentos totalizou 31% (81) das respostas. Segundo BARROS e LEHFELD (2002)², as pesquisas podem ser subvencionadas com a implantação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica- PIBIC, mediante solici-

tação de bolsas pelos docentes, junto a agências de fomento à pesquisa, tais como a CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior, o CNPq- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, ou ainda, por meio de recursos próprios de cada instituição.

Neste sentido, a capacitação formal do docente, contribui positivamente, pois é esperado que um docente com mestrado e doutorado e significativa produção científica tenha maior facilidade para a aprovação de projetos e solicitação de bolsas.

Porém, ainda existem dificuldades com relação ao financiamento de projetos, que interferem, sobremaneira, na realização de pesquisas, aliadas também à falta de estrutura para desenvolvê-las (BALLARIN e TOLDRÁ, 2001)¹.

Os dados relacionados à importância da pesquisa para a formação do terapeuta ocupacional mostraram que a profissão é vista pelos próprios estudantes, como pouco conhecida pela população. Nas sugestões, percebeu-se uma pertinente proposta para a resolução deste problema, identificada em 28% (73) das respostas: a divulgação da profissão nos meios de comunicação.

Sobre este achado, MACHADO (2000)¹⁴, contempla esta proposta, dissertando que a profissão de terapia ocupacional, pode tornar-se mais conhecida pela população, com a atuação dos profissionais da área, de maneira educativa, através dos meios de comunicação.

Considera-se, nesta pesquisa, a mídia como sendo, principalmente, a rede mundial de computadores (internet), as emissoras de rádio e de televisão e a comunicação escrita por meio de jornais e revistas.

É preciso enfatizar que os eventos científicos, também colocados como sugestão, têm possibilitado um incontestável aumento da produção científica, estimulando, inclusive, os estudantes a expor seus trabalhos em forma de pôsteres e temas livres, permitindo sua publicação por

meio de anais impressos, em disquetes, e atualmente em CD-ROM, o que facilita a localização das publicações e, conseqüentemente, sua socialização na comunidade científica.

Por outro lado, os periódicos específicos da área evidenciam que é preciso estimular a pesquisa também nas instituições particulares, uma vez que os principais periódicos existentes são de universidades públicas: Cadernos do GESTO- Grupo de Estudos Profundos Sobre Terapia Ocupacional, Revista de Terapia Ocupacional da USP e Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, localizadas nos estados de Minas Gerais e São Paulo.

Os estudantes também colocaram a necessidade de serem inseridos nas pesquisas com docentes, representando 25% (65). Sob a supervisão de um docente, o estudante é iniciado com maior segurança para questionar sua realidade e a treinar suas habilidades de investigação, contribuindo para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem.

Esta iniciativa deve validar a afirmação: “*o docente pesquisador deve ser um guia, estimulando e auxiliando o aluno iniciante no percurso a ser cumprido para a realização da pesquisa*” (BARROS e LEHFELD, 2002, p. 21)².

Neste caso, a atividade de pesquisa é um benefício para o discente, para o docente e num contexto maior, para a própria instituição, que se torna mais prestigiada e reconhecida como um curso de qualidade, pois de acordo com DRUMMOND (2000)⁷, a atividade de pesquisa, de certa forma, define o *locus social* ocupado pelos cursos dentro de uma universidade.

Se for feita uma reflexão sobre a pouca atividade de pesquisa por profissionais da área de terapia ocupacional, poderá se encontrar resposta na formação tida por cada um, que talvez não tenha despertado para a essência da atividade de pesquisa, impossibilitando experiências que estimulassem a continuidade desta prática ao egressar da universidade, ou ainda, ao retornar a mesma, por meio

da atividade de docência.

O incentivo institucional na iniciação científica do discente foi destacado por 17% (44) dos sujeitos. Esta sugestão é interessante para se refletir a ideologia de cada instituição de ensino, visto que, a questão de pesquisa está fortemente influenciada ao perfil de profissional de saúde que se deseja formar e hegemonicamente a quem ele irá servir (LOPES, 1993/1996)¹³.

Associada a esta afirmação, torna-se necessário retomar as questões legislativas e constitucionais, criticadas por GAMBOA (2000)¹⁰, que findam por segregar a pesquisa apenas para universidades, na sua maioria públicas, dependentes do repasse de verbas e ainda sujeitas a cortes, inclusive, das agências de financiamento.

A formação do estudante para a pesquisa foi abordada por 11% (29) dos discentes, que expuseram a urgência de disciplinas curriculares que os preparem para a atividade de pesquisa. Ressalta-se que na academia, esta atividade pode ser estimulada de diversas formas, seja direta, através de programas específicos de iniciação científica, ou indireta, por meio de disciplinas curriculares e outras atividades que a favoreçam.

Pode-se perceber a falta de incentivo à iniciação científica do discente, por exemplo, analisando-se a grade curricular de cada curso, verificando a existência ou não, de disciplinas que permitam ao estudante a aprendizagem não só de Metodologia do Trabalho Científico ou de Metodologia da Pesquisa, mas desde experiências como produção de artigos, até a exigência de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ou monografia, que em muitas instituições não são exigidos e não fazem parte da ementa do curso.

Para NAJJAR (2000)¹⁵ tem se evidenciado na prática, que uma disciplina não é o bastante na capacitação do aluno para a atividade de pesquisa. Segundo a autora, é importante que os docentes de outras disciplinas façam esta reflexão, estimulando o desenvolvimento de habilidades

investigativas, desta forma, elegendo a pesquisa como elemento fundamental no plano de ensino das disciplinas.

Todavia, cabe a cada instituição discutir a melhor forma de se estimular o aluno para a atividade de pesquisa. O ideal seria uma formação de terapeutas ocupacionais articuladores de novos conhecimentos, com habilidades de questionar e propor alternativas para solução de problemas nas “aldeias”¹ em que se encontram.

O terapeuta ocupacional deve se direcionar para as necessidades da “aldeia”, sem deixar de considerar que esta, insere-se num contexto maior, o do mundo global, ou seja, os acontecimentos que vêm de fora e repercutem localmente na população, sejam eles políticos, sociais, econômicos, epidemiológicos, dentre outros, constituindo-se num grande desafio.

A capacitação dos docentes para orientar estudos também foi referida em igual proporção por 10% (27) dos discentes. A capacitação docente², é fundamental quando se pensa sobre investigação científica na graduação. Esta sugestão é oportuna, pois DRUMMOND (2000)⁷, avalia ser importante refletir que a capacitação docente pode constituir-se num estímulo a produção de conhecimento, até porque está é uma das referências para se avaliar a qualidade das Instituições de Ensino Superior.

Cerca de 6% (17) das respostas trouxeram sugestões singulares, tais como: parcerias institucionais, premiação de trabalhos como forma de incentivo à produção científica e motivação pessoal tanto dos discentes quanto docentes para a realização de pesquisas.

A formação de grupos de pesquisa foi uma sugestão colocada apenas por 3% (07), mas de grande validade como sugestão para o maior desenvolvimento das pesquisas na área de terapia ocupacional.

Estes grupos favorecem o intercâmbio de informações e realidades. A formação de grupos de pesquisas é pertinente para resolução das dificuldades de cada instituição, devendo estas pesquisar integradas para favorecer a superação de problemas (FERRARI, 1999)⁹.

Evidencia-se também uma urgência de políticas institucionais que estimulem a formação de linhas e grupos de pesquisa (BALLARIN e TOLDRÁ, 2001)¹.

Ressalta-se que alguns discursos trouxeram essa perspectiva:

- “Maior relacionamento entre as faculdades” (Quest. 214, UFPR).

- “Fazer grupos de estudo” (Quest. 36, EBMS).

- “Formar grupos que tenham um mesmo interesse sobre determinado assunto” (Quest. 190, IPA).

A formação destes grupos, é portanto, extremamente importante na comunicação entre os cursos e na formação de linhas de pesquisa que abarquem os vários campos de atuação em terapia ocupacional, desenvolvendo-se desta maneira, a possibilidade de efetivação de um intercâmbio de conhecimentos.

Pode-se sugerir a rede mundial de computadores (internet) como um potente meio para se concretizar tal proposta, quebrando barreiras geográficas e aumentando a velocidade da comunicação de informações.

Por fim, questionou-se os estudantes sobre a atividade de pesquisa ser ou não, uma habilidade essencial do terapeuta ocupacional. O resultado foi ilustrado no Gráfico 3, a seguir:

¹ Termo utilizado por GAMBOA (2000)¹⁰, não se entendendo por uma ilha ou tribo isolada e sem comunicação, mas como uma região com características peculiares, necessidades e problemas específicos. Para aprofundar mais este conceito, ler: GAMBOA, S.S. A pesquisa na construção da universidade: compromisso com a aldeia num mundo globalizado. In: LOMBARDI, J.C. *Pesquisa em educação: história, filosofia e temas transversais*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, HISTEDBR, UNC. 2000. p. 72- 93.

² Há um estudo de levantamento sobre a capacitação de docentes terapeutas ocupacionais no Brasil. Para aprofundar sobre o assunto, ler o artigo: EMMEL, M. L.G., LANCMAN, S. Quem são nossos mestres e doutores? O avanço da capacitação docente em Terapia Ocupacional no Brasil. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*. São Carlos: UFSCar, v.7, n.1., p. 29-38, jan./jun., 1998.

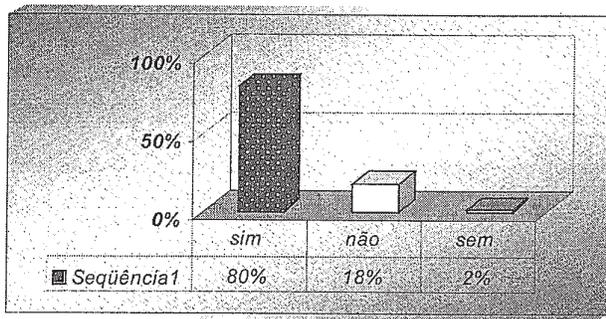


GRÁFICO 3: A pesquisa como habilidade essencial do terapeuta ocupacional

Fonte: Pesquisa de campo (2003)

Cerca de 80% (210) dos estudantes acreditam que a pesquisa é uma habilidade essencial do terapeuta ocupacional, em oposição a 18% (46), que a entendem como uma habilidade não essencial ao profissional, outros 2% (5) não responderam.

HAGEDORN (1999)¹¹ classifica as habilidades de pesquisa em essenciais genéricas, isto é, seriam as habilidades utilizadas de forma semelhante por outras profissões. A exclusividade destas habilidades na profissão caberia, quando utilizadas por um terapeuta ocupacional, em um caso específico.

A noção de pesquisa como habilidade essencial genérica foi destacada pelos estudantes, nas frases:

- “Assim como para qualquer profissão, a pesquisa ou habilidade em pesquisa é fundamental para o desenvolvimento e fundamentação da mesma” (Quest. 117, UFMG).

- “Não só para a terapia ocupacional, mas para qualquer profissional que queira estar sempre se aperfeiçoando, buscando conhecimento” (Quest. 149, UFSCar).

As habilidades de pesquisa envolvem a pesquisa da literatura; compreensão de metodologia da pesquisa, quantitativa e qualitativa; elaboração de projetos de pesquisa; realização de entrevistas; elaboração de questionários;

entendimento e utilização do tratamento simples de dados estatísticos e por fim, produção de artigos para revistas especializadas (HAGEDORN, 1999)¹¹.

Há de se considerar que a habilidade de pesquisa - seja qual for seu sistema de classificação, é importante para a prática profissional, porque estimula o raciocínio clínico para o enfrentamento de problemas, permitindo que o terapeuta ocupacional analise e defina sua linha de atuação.

Quanto ao conceito de habilidade essencial genérica, é aceitável que tais habilidades façam-se indispensáveis aos futuros profissionais que pretendem ingressar na atividade de pesquisa, principalmente nas pós-graduações *stricto sensu*, onde estas habilidades são exigidas.

Em suma, a atividade de pesquisa, ou pesquisa científica só tende a trazer benefícios na formação do profissional terapeuta ocupacional. É pertinente analisar que os estudantes reafirmaram essa necessidade por meio de suas visões e perspectivas, que em maior ou menor grau, refletem dificuldades em parte semelhantes, como nas questões de identidade do profissional e da carência de programas de iniciação científica, e também particulares, na maneira como cada curso incentiva a atividade de pesquisa.

Estas últimas devem ser investigadas individualmente em seus respectivos cursos de graduação, procurando também as parcerias, que segundo FERRARI (1999)⁹ são oportunas para a resolução de problemas.

Análisa-se que as propostas para maior desenvolvimento de pesquisas na área foram notáveis e devem ser consideradas enquanto caminhos para solucionar alguns embates relacionados à produção científica na terapia ocupacional.

É irrefutável que os cursos de terapia ocupacional no Brasil têm crescido numericamente. Após o encerramento da coleta de dados, já haviam sido cadastrados mais dois cursos pelo Ministério da Educação/ INEP, perfazendo 34 cursos (BRASIL, 2002)³.

Se por um lado, há um crescimento em quantidade, por outro se faz necessário estar avaliando sua qualidade, como também do perfil de profissional que se deseja formar, pois este será uma peça-chave do grande “quebra-cabeça” que irá constituir a profissão terapia ocupacional no futuro.

É válido ouvir o estudante de terapia ocupacional quando se debate a questão de formação, pois ele passa por todo o processo de educação, presenciando os acertos e erros no ensino, desta forma, não alijando-se o estudante deste processo, como considera DEMO (1999)⁶.

Sugere-se que outros estudos relacionados à formação do terapeuta ocupacional possam ser desenvolvidos, visto que favorecem e enriquecem as reflexões sobre a qualidade e o perfil de profissional que está se formando.

As questões relacionadas à identidade do profissional, descritas pela maioria dos estudantes devem ser debatidas em profundidade, pois para SOARES (1991)¹⁹, estes questionamentos só podem ser solucionados a partir de muita leitura crítica e de debates, deixando-se esta sugestão a todas as instituições que ofertam o curso de terapia ocupacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito deste estudo foi de relatar a opinião discente com relação à pesquisa científica na formação do terapeuta ocupacional, considerando-se suas visões, perspectivas e sugestões. Acredita-se que os objetivos traçados foram contemplados, pois os resultados analisados,

forneceram reflexões consideráveis para a formação do profissional.

Constatou-se que os estudantes têm realizado atividades, que de certa maneira, são experiências importantes para a iniciação científica, dentre elas os estágios extracurriculares, os cursos de aprimoramento, as atividades de monitoria e as participações em congressos, contudo são poucos os que se inserem em Programas de Iniciação Científica.

As questões da identidade profissional foram verificadas nas visões da pesquisa científica como estratégia de maior reconhecimento da profissão pela população e meio científico, de maior compreensão do objeto de estudo, e do aumento não só na produção de conhecimento, mas das áreas de atuação.

As sugestões e perspectivas denotaram a crítica dos discentes na resolução de problemas, com pertinentes proposições, como a do aumento dos incentivos institucionais e governamentais, de capacitação docente, da inserção em pesquisas com docentes, de melhorar a formação profissional para a pesquisa e da criação de grupos de pesquisa, constituindo-se em importantes considerações a serem refletidas pelas instituições de ensino em terapia ocupacional no Brasil.

Neste sentido, é esperado que esta pesquisa possa favorecer o pensamento reflexivo nas Instituições de Ensino Superior em terapia ocupacional no Brasil com ênfase na formação do estudante para a atividade de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BALLARIN, M.L.G., TOLDRÁ, R.C. A trajetória do pesquisador e da iniciação científica no curso de graduação em Terapia Ocupacional da PUC-Campinas. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*. São Carlos. v. 9, n.2, p. 67- 78, jul/dez., 2001.
2. BARROS, A.J.P., LEHFELD, N.A.S. *Projeto de pesquisa*. 13. ed. Petrópolis, RJ: VOZES, 2002. 127 p.

3. BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Disponível em: <www.educacaosuperior.inep.gov.br>. Acesso em: 20 out. 2002.
4. CRUZ, D.M.C., PFEIFER, L.I. Pesquisa na formação do terapeuta ocupacional: visões e perspectivas de 53 estudantes brasileiros. *Cadernos das Faculdades Integradas São Camilo*. São Paulo, v. 10, n.1, p. 84-91, jan./mar., 2004.
5. DE VITTA, F.F. Uma identidade em construção: o terapeuta ocupacional e a criança com retardo no desenvolvimento neuropsicomotor. Bauru, SP: EDUSC, 1998. 99 p.
6. DEMO, P. *Desafios modernos da educação*. 8. ed. Petrópolis, RJ: VOZES, 1999. 272 p.
7. DRUMMOND, A.F. O incentivo à produção: desafios da formação do terapeuta ocupacional. *Rev. Ter. Ocup. USP*. São Paulo, v.11, n.1, p.1-6, jan./abr., 2000.
8. EMMEL, M.L.G., LANCMAN, S. Quem são nossos mestres e doutores? O avanço da capacitação docente em Terapia Ocupacional no Brasil. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*. São Carlos: UFSCar, v.7, n.1., p. 29-38, jan./jun., 1998.
9. FERRARI, M.A.C. A Terapia Ocupacional nas universidades brasileiras, hoje. Editorial. *Rev. Ter. Ocup. USP*. São Paulo, v.10, n.1, p.i-ii, jan./abr., 1999.
10. GAMBOA, S.S. A pesquisa na construção da universidade: compromisso com a aldeia num mundo globalizado. In: LOMBARDI, J.C. *Pesquisa em educação: história, filosofia e temas transversais*. 2.ed. Campinas, SP: Autores Associados, HISTEDBR, UNC. 2000. p.72- 93.
11. HAGEDORN, R. *Fundamentos da prática em Terapia Ocupacional*. Tradução por José Batista. São Paulo: Dynamis, 1999. 200p. Tradução de: Foundations for practice in occupational therapy.
12. LANCMAN, S. A influência da capacitação dos terapeutas ocupacionais no processo de constituição da profissão no Brasil. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*. São Carlos: UFSCar, v.7, n.2., p.49-57, jul./dez., 1998.
13. LOPES, R. E. A direção que construímos: algumas reflexões sobre a formação do terapeuta ocupacional. *Rev. Ter. Ocup. USP*. São Paulo, v.4/7, p.27-35, 1993/1996.
14. MACHADO, M.C. *Terapia Ocupacional, Saúde prática e pós-modernidade*. Belo Horizonte: Cuatiara, 2000. 46 p.
15. NAJJAR, E.C.A. *Habilidades investigativas no contexto do curso de Terapia Ocupacional da Universidade do Estado do Pará: uma proposta para os alunos*. 2000. 99 p. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Ciências da Educação, Universidade do Estado do Pará, Instituto Pedagógico Latino Caribenho, Belém, 2000.
16. O COFFITO. São Paulo: Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, n.18, mar, 2003. p. 33.
17. PFEIFER, L.I. Trabalhando a formação do terapeuta ocupacional reflexivo. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*. São Carlos: UFSCar, v.8, n.2., p. 103-111, jul./dez., 2000.
18. RUIZ, J. A. *Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996. 177 p.

19. SOARES, L.B.T. *Terapia Ocupacional: lógica do capital ou do trabalho?*. São Paulo: Hucitec, 1991. 217 p.

20. STEIN, F. Research, Object and Investigation. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL*, VII, 2001, Porto Alegre: IPA, 2001. Disponível em: <www.to2001.com.br/palestras>. Acesso em: 20 mar. 2002. 10p.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Luzia Iara Pfeifer (USP- Ribeirão Preto), pela orientação dada.

A PROPESP/ UEPA, pelo financiamento.

Aos sujeitos e assistentes desta pesquisa, sem os quais esta não poderia ser desenvolvida.